



CORPO-FESTA

uma proposta poético-político-pedagógica no contexto da educação básica

CUERPO-FIESTA

una propuesta poético-político-pedagógica en el contexto de la educación básica

BODY-FESTIVITY

a poetic-political-pedagogical proposal in the context of the basic school

Daniel Santos Costa¹

RESUMO

Apresentamos nesta reflexão a conjunção corpo-festa como proposta de atuação no contexto do ensino básico na Escola de Educação Básica da Universidade federal de Uberlândia (Eseba/UFU). Tal articulação está ancorada na história de vida do artista-docente-pesquisador e na busca de propostas pedagógicas descoloniais, ancoradas na prática e reverberadas em experiências que atravessam o corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Dança, Ensino de Arte, Experiência, Pedagogia Descolonial

RESUMEN

En esta reflexión se presenta la conjunción cuerpo-fiesta como propuesta de actuación en el contexto de la enseñanza básica en la Escuela de Educación Básica de la Universidad Federal de Uberlândia (Eseba / UFU). Tal articulación está fundamentada en la historia de vida del artista-docente-investigador y en la investigación de propuestas pedagógicas descoloniales, ancladas en la práctica y reverberadas en experiencias que atraviesan el cuerpo.

PALABRAS CLAVE: Danza, Enseñanza de Arte, Experiencia, Pedagogía Descolonial

ABSTRACT

This reflection presents the body-party conjunction as a proposal for action in the context of basic education at the School of Basic Education of the Federal

¹Docente na Universidade Federal de Uberlândia, Colégio de Aplicação – Escola de Educação Básica (CapEseba/UFU), docente colaborador no curso de Teatro e docente permanente no ProfArtes – Mestrado Profissional em Artes. Doutorando em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestre em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde também se graduou em dança (bacharel e licenciado). Autor do livro *Encruzilhadas de uma Dança-Teatro Brasileira* (Prismas, 2016), *Histórias e Memórias de Folias de Reis* (Egil, 2010), organizador do livro *Estudos sobre o Corpo* (Paco Editorial, 2010), dentre outras publicações especializadas. Pesquisador dos grupos de pesquisas (CNPq): LAPETT – USP, PINDORAMA – UNICAMP e SPIRAX – UFU. Blog: <http://dancadaniel.blogspot.com.br/>. E-mail: grdcosta@ufu.br. Site: <http://danielscosta.blogspot.com>. Bolsa CAPES.

University of Uberlândia (Eseba/UFU). This articulation is based on the life history of artist-teacher-researcher and on the research of pedagogical proposals decolonial, anchored in practice and reverberated in experiences that cross the body.

KEYWORDS: Dance, Art Teaching, Experience, Descolonial Pedagogy

* * *

Dou início a esta jornada-escritura expondo alguns movimentos imaginais, através de imagens-textos. São mídias borradas que refletem um *entrelugar* da experiência capturada pela fotografia, ou seja, são imagens invisíveis aos olhos, mas que ficam capturadas na memória do corpo. Trata-se, portanto, de *deexperienciações* do corpo entregue aos elementos da dança, que constitui componente curricular na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU), acontecida entre os anos de 2016 e 2017, onde tramo tal experiência; *uma manifestação poético-político-pedagógica*.

Dos lugares apontados e considerando um percurso de vida que permeia o universo da corpo-oralidade popular brasileira², escolho o lugar da festa como a possibilidade de articular um pensamento encruzilhado, imbricado nas experiências de um corpo-sujeito em movimento (COSTA, 2016; 2010), inquieto e que tateia as margens da produção de conhecimento para além dos caminhos canônicos já apontados.

Olhar para o manancial da cultura brasileira implica em reconhecer outros modos de fazer/pensar a arte e a educação e produzir conhecimento dessa fricção. Assim, busco nos contextos artístico-pedagógicos alicerçar o lugar da festa como elemento transversal na atuação de um artista-docente-pesquisador, uma estratégia de atuação em movimento, tendo seus princípios ancorados na multiplicidade, contiguidade, aberturas, metáforas, reverberações e excessos e, evidentemente, na possibilidade da alegria e do imaginário.

O lugar da festa constitui-se no corpo que, na presente perspectiva, é atravessado também pelas festividades das culturas populares brasileiras, aliada aos princípios acima pontuadas e ancoradas na experiência do contato com

²A ideia de *corpo-oralidade* popular brasileira tem sido trazida da pesquisa de doutoramento (2015 – 2018) no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas na Universidade de São Paulo (USP), sob orientação da prof. Dra. Sayonara Pereira através do projeto: Da Oralidade Popular Brasileira a uma Dança Teatral Performativa: o corpo pós-colonial como lugar de experiência (Bolsa CAPES).

diferentes e plurais manifestações da cultura popular brasileira, em que a analogia corpo-festa é também amalgamada.

O acionamento da festa como perspectiva de ação é uma estratégia de movimento pautada na experiência e num movimento que se constitui triádico, isto é, numa ação presente que está ancorada à tradição e também nas premissas de desenvolvimento que vislumbram um futuro. Passado-presente-futuro se hifenizam, des-fronteirizam, dissolvem-se, diluem-se na complexidade que o movimento e a festa poderão provocar.

As instituições escolares, em muitos casos, são cerceadas pelo não movimento, pela não alegria, pela limitação da expressão, pelo silêncio e por uma obediência constrangedora. Que tal movimentarmos esse espaço numa multidimensão festiva? Parafraseando o poeta uruguaio, Eduardo Galeano (1940-2015), vislumbro que *O corpo é uma festa!* Nessa festa, corpo e educação estão no foco de uma prática docente na qual a dança é possibilidade da fricção de experiências na Eseba/UFU, destacada como uma ilha de excelência na conjuntura presente da educação pública brasileira, especialmente no contexto Uberlandense. Destaco, portanto, a inserção da dança no currículo obrigatório desta instituição de ensino como possibilidade de composição de um processo de formação, na projeção de uma possibilidade de educação distanciada de estratégias modelizadoras, com qualidade movente, na escavação e prática de um espaço de experiência.

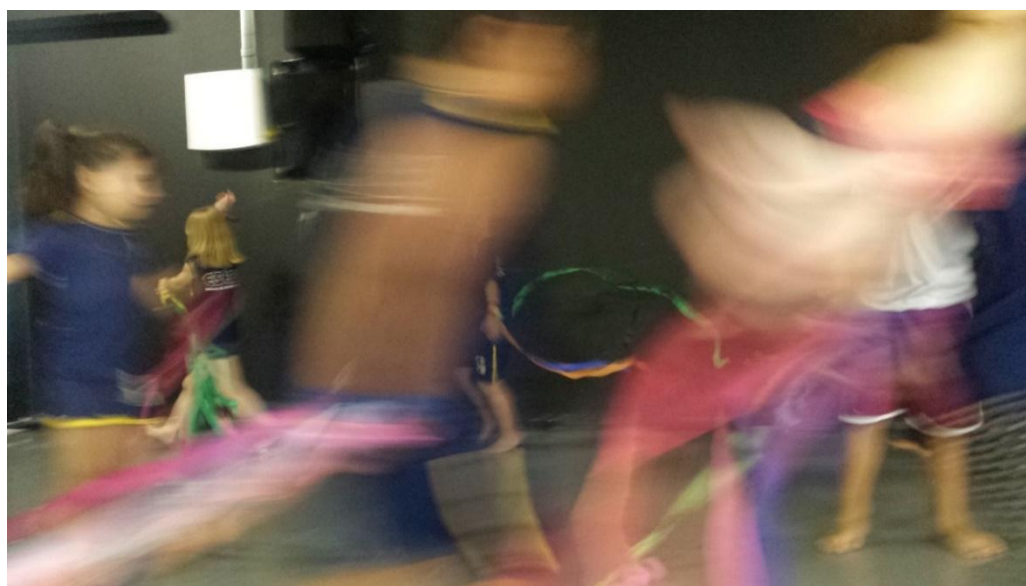


Imagem 1: movimentos imaginais
Foto: Daniel Santos Costa



Imagem 2: movimentos imaginais
Foto: Daniel Santos Costa

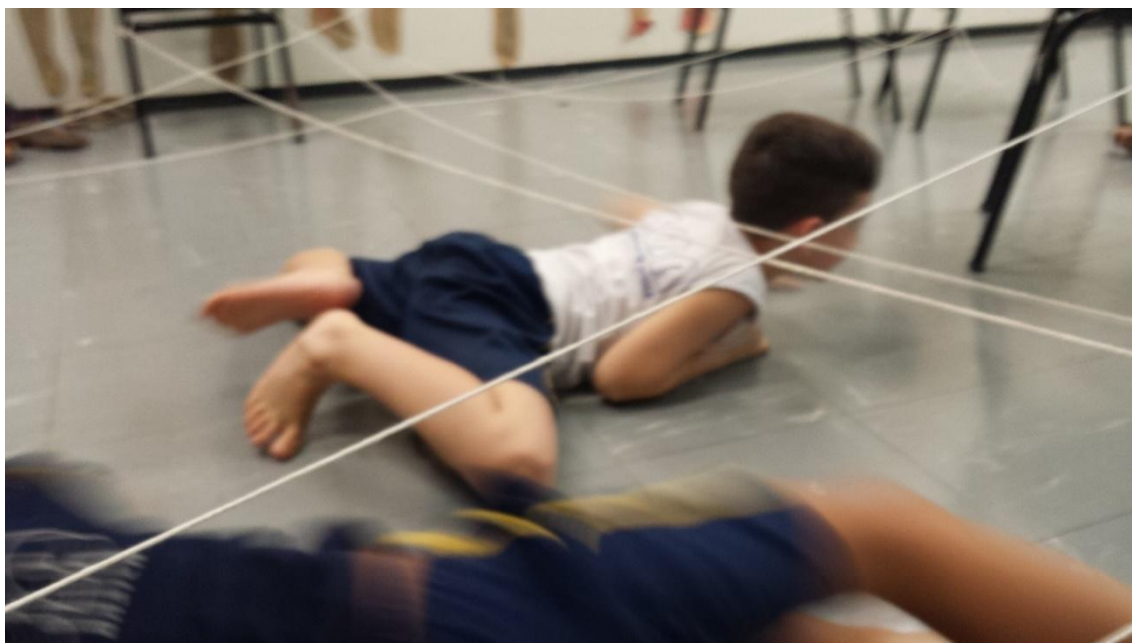


Imagem 3: movimentos imaginais
Foto: Daniel Santos Costa



Imagem 4: movimentos imaginais
Foto: Daniel Santos Costa

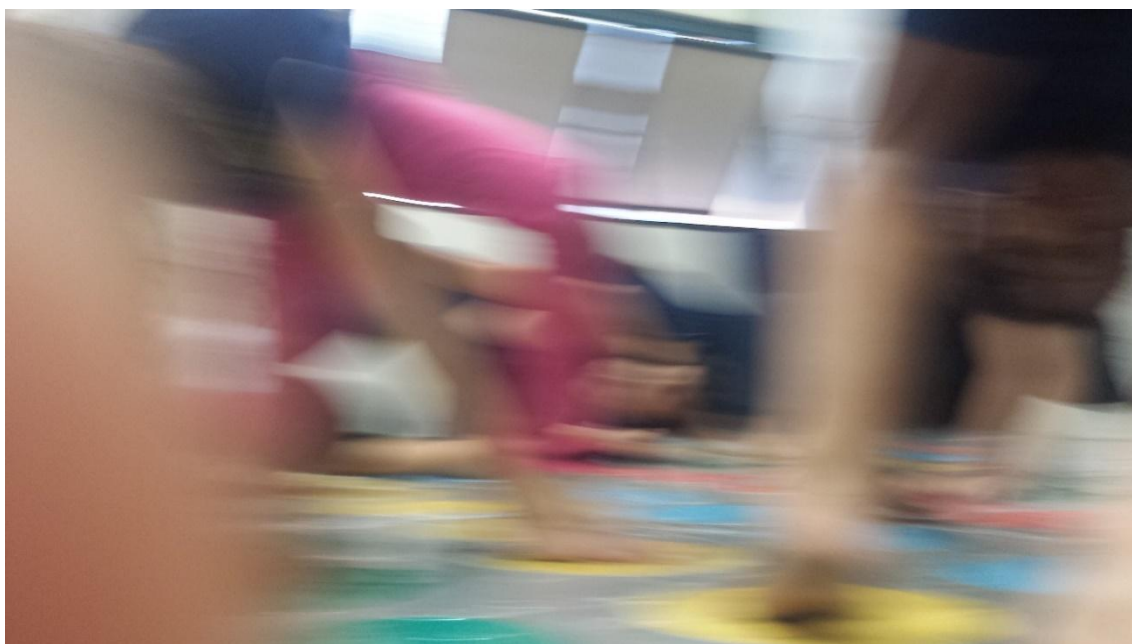


Imagem 5: movimentos imaginais
Foto: Daniel Santos Costa

Pensar a concepção de festa nesta reflexão é atrelar-se analogicamente ao seu sentido de ruptura de um cotidiano bem estruturado e normatizado. Assim, a festa como postura metafórica possibilita uma maneira singular de lidar com as interações que tal processo permeia.

Em minhas andanças, pelas culturas tradicionais populares, os espaços das festas são acontecimentos de grande potencialidade. É o espaço da

singularidade e da coletividade, das abundâncias e também dos excessos. Nele, confrontam-se fantasia e realidade, tensões e liberdade e adentramos num mundo extracotidiano, numa relação de pertencimento coletivo. Fissuramos espaço no qual as regras são outras e também onde queremos ser vistos de distinta maneira. Talvez, agora, nos despimos de certas couraças, impostas pelo cotidiano, e nos sentimos à vontade, com um desejo de manifestarmos e com vontade de liberdade.

Desnudado o cotidiano, a festa é o espaço do contentamento, buscando “reativar o desejo, a alegria, o ímpeto, a festa e o instinto”, conforme a postura do baraperspectivismo³ de Santos (2015, p. 49), para impor um “basta” aos desmandos de uma realidade que ainda tenta imperar na sociedade ocidental, na qual “as chagas do século XIX continuam abertas”. *Bara* quer dizer, Rei do Corpo. Assim, essa ideia a partir do simbolismo de Exu vem aprofundar uma perspectiva sobre o acontecimento que se dá por meio e no corpo e sua possibilidade de existência na sociedade contemporânea. Tal ideia “é o princípio dinâmico que mobiliza o desenvolvimento, o devir das existências individualizadas e da existência de todas as unidades do sistema” (SANTOS, 2008, p.180-181). É desse lugar que almejo a festa como metáfora para seguir caminhando

A festa como perspectiva de ação pode se relacionar a um *espaço-tempo* distanciado dos aspectos positivistas que estancam conceitos e posturas metodológicas. Ela instala-se, portanto, num momento de rupturas em relação a um universo obediente e vinculado à necessidade já imposta de sobrevivência. Para Ribeiro Junior (1982), a festa é como uma escola do povo e “uma compreensão adequada pode iluminar procedimentos, em que a dimensão lúdica e a pedagógico-política da festa popular se interfecundam sem cair na manipulação do esvaziamento” (1982, p. 11).

A festa opõe-se ao cotidiano, contudo vincula-se a ele transfigurando esse espaço numa espetacularização que, ao romper a lógica cotidiana abre caminho para a própria arte. A festa ganha *status* de performance e sua festividade a

³ Rodrigo dos Santos (2015) apresenta *baraperspetivismo* como uma luta contra o logocentrismo. Dessa perspectiva, tal conceito está vinculado aos dispositivos do pensamento trágico que se encontram, por um lado, com a filosofia de Nietzsche e, por outro, nascem da experiência provocada pelo ritual trágico yorùbá, a partir da obra do teatrólogo nigeriano, Wole Soyinka. Cabe ressaltar que, barra trata-se de umas das falanges de exus, considerado nas umbandas e candomblés o senhor das encruzilhadas, guardião dos caminhos.

dimensão da performatividade. Em conformidade com esse *status*, a festa, então, adere-se à dimensão da cultura, expressando modos de fazer, pensar, estar e existir no mundo. Com esse descrever, a festa pode ser definida como terreno do possível.

O espaço da festa é múltiplo e composto. Nele, as metáforas e o imaginário são potências para pensar as suas estruturas e alargar uma visão setorizada. Urge romper com uma visão mesquinha e reducionista desse acontecimento. Este terreno complexo precisa ser entendido para além da festa “fato”; para ser compreendido na festa “acontecimento”, na qual estão implicadas questões de uma lógica sociocultural que vão desde as carências até as disputas de poder.

Nestes espaços há complexa performatividade, estratégias pelas quais vão mantendo-se ativas e em constante transformação a atualização e Criação de personagens diversos, elaboração sonora e musical variada, diferentes danças, brincadeiras abundantes, estados corporais complexos, jogos, improvisos e encenações remetendo a ideias de outras passagens, outras paragens. Como atuação em constante espiralar, são dispositivos que encontramos nesses terreiros e que podem ganhar dimensão pedagógica significativa no deslocamento para o contexto da educação, ou melhor, educações.

Huizinga (2007) destacado por Ribeiro Junior (1982) aponta uma relação especial entre festa e jogo, pois ambos são independentes do cotidiano, são manifestações de alegria com regras e limites do espaço/tempo combinados com a liberdade: ambos se encontram na dança. O *espaço-tempo* da festa desloca-se para o movimento ininterrupto entre presente-passado-futuro numa conjunção inédita de preceitos e rituais, em que:

A festa é formada por experiências históricas; é fruto das movimentações e interconexões dos corpos-culturais que constituem uma das formas mais reveladoras do modo de ser de um grupo, de uma cidade e de um país e nesse espaço ‘intervalar’, que ficam suspensas algumas normas sociais e outras são invertidas” (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 26-27).

Perceber o acontecimento da festa como este espaço intervalar, ou encruzilhada, abre frestas para pensarmos o corpo como lugar de experiência que, de acordo com Larrosa (2014), é um modo de habitar o mundo além, onde a experiência não pode ser conceituada. Ela é a própria vida, transbordamento,

criação, invenção, acontecimento e, neste contexto, pronunciam-se crenças e modos de pensar das comunidades marginais, indicando a confluência de diversos sistemas epistêmicos. O corpo que é festa, festeja, narra saberes, torna-se visível na instabilidade entre sagrado e profano, entre luzes e trevas, entre certo e errado e tantas outras dicotomias. Trata-se de um corpo que é fé e divertimento, é vida e é arte, embevece-se de tragédias e comichidades, ou seja, um corpo em exuberante produção de vida.

No Brasil, as Festas Populares possuem dimensão significativa, apesar das contrastantes desigualdades sociais. A espetacularização do futebol, assim como do carnaval são veiculadas pelas grandes mídias de massa como um imediatismo que mascara a pluralidade e a diversidade cultural brasileira. A festa que proponho enquanto analogia vai além da *fetichização* midiática, pois está ancorada como uma forma de pensamento, ou seja, como uma possibilidade de abrir novas experiências de pensamento.

Festas juninas e julinas são presentes nos meses de junho e julho por extensão territorial, sem possibilidade de delimitação, tamanha sua expansão. Há as festas do Bumba-meu-boi em muitos estados, as Congadas, as Folias de Reis, as Cavalhadas, o maracatu, os jongos, os Xiré⁴ de candomblé e as festividades da Umbanda, as lavagens das escadarias do Bonfim e suas variações em distintos espaços do Brasil, as festividades indígenas, o Círio de Nazaré entre tantas outras manifestações que adentram e fazem parte da constituição do território e dos sujeitos brasileiros.

Festas nacionais, festas regionais, festas de aniversário, festas particulares.... Impossível nomear todas, porém há a clara ideia de que as festas abrigam o espaço da diversidade, da multiplicidade, das contiguidades, dos atravessamentos, dos excessos e a reverberação desses movimentos em atitude e postura para os enfrentamentos da vida numa geografia monumental. Leda Maria Martins, ao analisar e apresentar os festejos do Reinado Negro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, na região do Jatobá, em Belo Horizonte, clarifica o espaço desafiador que é esse, o da festa:

⁴Xiré é uma palavra Yorubá que significa roda, ou dança utilizada para evocação dos Orixás conforme cada nação e também pode ser definido como a própria festa. Disponível em: <<http://www.xiredosorixas.com.br/>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

Os festejos do Reisado apresentam uma estrutura organizacional complexa disseminada em uma tessitura ritual que desafia e ilude qualquer interpretação apressada de todas as suas simbologias e significâncias. Levantação de mastros, novenas, cortejos, cantos, danças, banquetes coletivos, são alguns dos muitos elementos que compõem as celebrações dramatizadas em toda Minas Gerais (MARTINS, 1997, p. 44).

É preciso olhar a festa para além do fato. Despir o olhar é imprescindível para se entrar em uma esfera na qual a linguagem racional não tenha alcance imediato. A festa está para o acontecimento, espaços de encontros, de celebração, contemplação. As festas alinham um modelo de vida mais integrado e nos possibilitará aprofundar alternativas para a profusão do conhecimento muitas vezes negado na academia e na escola (espaços institucionalizados da educação). Elas configuram potencialmente como forma primordial emblemática da condição humana, sendo espaço de expressão, imbricamento de tradições, símbolos e práticas. A festa é, contudo, uma maneira de transmitir para as novas gerações práticas tradicionais e históricas e determinados processos de vida e trabalho.

Lançamos olhares para festas populares, manifestações tradicionais que ritualizando o próprio espaço da festa ou manifestando suas ações rituais nos espaços das cidades serão aqui consideradas como festa em ação. Registrei, durante moradia em Montes Claros, passagens de suas Congadas pelas ruas da cidade, emanando um grito de resistência e atuação política de corpos que rompem o cotidiano numa espiral de tempo *sui generis*.

A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias (PESSOA, 2009, p. 44).

* * *



Imagem 6: Cortejo da Congada de Catopés nas ruas de Montes Claros/MG, 2015
Foto:Daniel Santos Costa

Neste momento, podemos então relacionar a festa com o pensamento complexo abordado por Edgar Morin (2005) e, ao associar tais elementos, percebemos semelhanças aos exemplos dados pelo pesquisador. A festa está para complexidade sem receita, sem modelo, aceitando o desafio como incitamento à forma de pensar. De tal modo, ao associar a festa à complexidade, também afastamos a perspectiva simplista que ampara a visão sobre as manifestações festivas.

De fato, a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Ela não quer dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitar suas diversas dimensões: assim como acabei de dizer, não devemos esquecer que o homem é um ser biológico-sociocultural, e que os fenômenos sociais são, ao mesmo tempo, econômicos, culturais, psicológicos etc. Dito isto, ao aspirar à multidimensionalidade, o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza (MORIN, p. 2005, 177).

A festa é transgressão, é individual e coletiva ao mesmo tempo, num imaginário que só é possível pela sua realização. Espaços de potências, de rupturas, de transcendências, em que o corpo que se esconde, ou não é visto, no dia a dia da cidade apropria-se desses locais detonando suas aporias, desafiando perspectivas enrijecidas de lidar e perceber o corpo. Corpo na rua, brincante,

expande o inacabamento da cultura e da vida. Sempre em processo numa espiral, sem fim.

O sociólogo político Da Matta (1997) destaca uma potente metáfora para percebermos essa relação entre corpo e cidade, entre corpo e rua, um espaço que está sendo cada vez mais blindado pelas políticas públicas, que mais parecem gestão privada. A oposição entre casa e rua, segundo o autor, pode servir de análise imprescindível do mundo social brasileiro. A rua está para o público e a casa está para o privado. A rua indica o mundo e suas paixões, seus processos de inacabamentos, encontros, acidentes, ao passo que a casa remete ao universo controlado, no qual as coisas estão nos seus devidos lugares.

A festa tramada aqui pode implodir um modo de lidar com o corpo e fazer pesquisa, pois ao contrário da razão fechada (MORIN, 2005), ou da razão indolente (SANTOS, 2011), neste caminho, não é rejeitada a relação sujeito-objeto na construção do conhecimento, o desornamento, o acaso, o acontecimento, o singular, o individual, os ruídos, o intuitivo, a irracionalidade, a poesia e, por fim, a arte. Para Morin, “tudo o que não está submetido ao estrito princípio de economia e de eficácia, como a festa, são racionalizados como formas balbuciantes e débeis da economia e da troca (2005, p. 167). A relação rua/casa é um dos exemplos desse desprestígio ao olhar a festa popular. A provocação da privatização em detrimento de um espaço público coletivo tem sido a tônica, o que convoca a festa cada vez mais para sua aptidão de resistência política ou como Ribeiro Junior (1982) também aponta, para uma “Pedagogia da Resistência”.

O deslocamento do corpo para o espaço da festa proporciona um olhar para a multidimensionalidade. Nesse aspecto, ao possibilitar que tal postura metafórica ganhe contornos expandidos, seja na criação artística ou nas práticas pedagógicas, ancoramos possibilidades de mudanças de perspectivas nas práticas de ensino e atuação nas linguagens da arte.

Tenho acionado essa postura “festiva” ao lidar com os processos poéticos e pedagógicos nos espaços de trabalho com o corpo. Aqui, a partir de agora, darei atenção às experiências oriundas da Educação Básica. Ao lidar com a concepção de festa, certamente estaremos inter-relacionados com ações inter/transculturais, pois as composições das festas com as quais buscamos diálogo estão vinculadas à

formação da cultura brasileira, atravessada por matrizes distintas, sejam elas afro-brasileiras, africanas, indígenas e também europeias.

E, assim, na assimilação de uma ideia de festa alavancados aos processos pedagógicos, demarcamos algumas de suas características primordiais: encontros, musicalidade, espetacularidade, corporeidade, ocupação dos espaços públicos, tradição, alegria, jogo, dança, movimento, resistência, pedagogias, educações. Para clarear tais atributos apresentamos imagens de manifestações de Folias e Congadas, nas quais temos o contato direto em suas manifestações públicas.



Imagem 7: Encontro de Folia de Reis no Centro Cultural Casarão do Barão, Campinas/SP (2013)

Fonte: Arquivo pessoal do autor



Imagem 8: Encontro de Folia de Reis no Centro Cultural Casarão do Barão, Campinas/SP (2013).

Fonte: Arquivo pessoal do autor



Imagem 9: Encontro de Folia de Reis no Centro Cultural Casarão do Barão, Campinas/SP (2013).
Fonte: Arquivo pessoal do autor



Imagem 10: Cortejo da Congada de Catopés, em Montes Claros/MG (2015).
Fonte: Arquivo pessoal do autor



Imagem 11: Apresentação do Moçambique de Fagundes/MG no Centro Cultural Casarão do Barão (2014)
Fonte: Arquivo pessoal do autor



Imagem 12: Apresentação do Moçambique de Fagundes/MG no Centro Cultural Casarão do Barão (2014)
Fonte: Arquivo pessoal do autor



Imagem 13: Apresentação do Moçambique de Fagundes/MG no Centro Cultural Casarão do Barão (2014)

Fonte: Arquivo pessoal do autor



Imagem 14: Apresentação do Moçambique de Fagundes/MG no Centro Cultural Casarão do Barão (2014)

Fonte: Arquivo pessoal do autor

O corpo é uma festa!?

Mas, *O corpo é uma festa!?* Volto à exclamação de Eduardo Galeano, ao mesmo tempo em que componho a interrogação. Desse modo, peregrinaremos transversalmente por ideias e conceitos sobre o próprio corpo na contemporaneidade. Talvez, de tal modo, um olhar “indisciplinar” apontado por Greiner (2005) pode ser eficaz para lidar com essas “festividades” do corpo e encontrar subsídios para pensar um corpo-política, que, segundo Walter Mignolo (2010), está arraigado em um contexto local marcado pelo pensamento colonial. Consoante a isso, a analogia do corpo-festa com uma postura metafórica, e também postura política em relação ao mundo, é a reivindicação do corpo como lugar de conhecimento, da dança e dos processos pedagógicos pautados na experiência multirrelacional, inter/transcultural como episteme.

Há um encontro com a proposição descolonial⁵, através da intensificação de uma gramática da (de)colonialidade que busca uma escritura da história mundial, desde a perspectiva e a consciência crítica do processo colonial e também do corpo-política e a geopolítica do conhecimento num processo de desprendimento e desobediência epistemológica.

A manifestação ou a ação da festa como ação poética e pedagógica é também uma ação política. Aliando-me à ideia de ação, gostaria de fazer um paralelo com a ideia de ação política no pensamento de Hannah Arendt (2016). A ação, nesse contorno, seria uma instância essencialmente pública e política.

A *ação* é, para esta pensadora, a característica intrínseca da vida humana na sociedade. Nesse contorno, os homens agem no mundo no cenário de uma vida pública e em sociedade. É a única atividade que acontece *entre* os homens sem necessidade de mediação. A ação corresponde assim, à condição humana da pluralidade, pois esta “é a condição da ação humana porque somos todos iguais, isto é, humanos, de um modo tal que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive, ou viverá” (ARENDRT, 2016, p. 10). Assim, a política como exercício da cidadania é uma ação que se faz no entre, entre as pessoas, espaço da comunicação, mesmo em conflito, na evocação de um bem comum, análogo ao espaço de encruzilhadas.

Na época moderna, a existência do sujeito conjugado em primeira pessoa tenderia a suprimir uma atuação política pública. A sociedade do indivíduo, hoje também em profusão de manifestações, pretensamente evoca a ideia de um sujeito livre e soberano. Ao contrário disso, essa sociedade foi traduzida numa sociedade de massas, em que os indivíduos são todos iguais, ou seja, réplicas. Há uma ilusão de liberdade, mas se está atado a um emaranhado de manipulações e controles de que, muitas vezes, nem se dá conta. A provocação da ideia de controle global, inclusive os controles dos corpos, nos estudos já vem sendo amplamente expressados por Michel Foucault (2004) e nos desdobramentos de seus estudos.

⁵A perspectiva decolonial ou giro decolonial apresenta uma radicalidade acerca do pensamento dos estudos subalternos, culturais e pós-coloniais numa proposição de renovação crítica e utópica na América Latina. Walter Dignolo, Boaventura de Sousa Santos, Enrique Dussel, Catherine Walsh são alguns dos intelectuais que coadunam com essa perspectiva decolonial.

Seguindo esse pensamento, somente a ação seria potente para a construção no mundo político – o mostrar-se, apresentar-se, o agir no mundo. O homem, nesses meandros ideológicos, possui uma condição cíclica. Ao surgirmos, somos educados conforme a dimensão cultural que norteia nossa época. Assim, entremeados nesses processos culturais, somos educados e damos sentidos e funções para a política na vida pública.

Para atuação na vida pública, aqui sem conotação partidária, busco uma tentativa para escapar e tramo a *manifestação*, espaço onde a festa é estratégia de ação, é acontecimento, é movimento. Desse ponto, apporto interesse na mediação sobre as propriedades da vida contemplativa que Arendt (2008a) provoca: o pensar, o querer, o julgar e uma atenção intrínseca ao passado e ao futuro para pensar bem o presente. Nesse prisma, qualquer sujeito poderia/teria a capacidade de fazer julgamentos políticos autênticos, nos quais o pensamento é ação de liberdade para lançar-se contra o mal, pois uma vida sem reflexão não seria (ou não é) algo que vale a pena.

A perspectiva decolonial, em algum lugar, pode encontrar eco no pensamento arendtiano. Catherine Walsh (2013), apoiada em Paulo Freire e Frantz Fanon, nos apresenta uma possibilidade de ação por meio da noção de interculturalidade crítica, apostando num modelo pedagógico e humano que se afastedologos eurocêntrico. A autora nos presenteia como exemplos de propostas pedagógicas como ação política propondo a educação (o ato de ensinar) como transgressão, consolidando pedagogias decoloniais pensadas a partir do Sul geográfico, desde as experiências na América Latina.

Com estes aspectos apontados, na proposição de um caminho decolonial, a *Ação* que vislumbro nesse trilhar conecta-se às dimensões individuais e coletivas para insaturação do novo, do inesperado, da própria ideia do acontecimento. *Ação* é lugar que revela o sujeito, este que está cada vez mais apolitizado, é o lugar de inserção na esfera pública e, por fim, revelaria o que o homem é.

No Brasil atual, vivemos um estado de anormalidade política, no qual as ideias de Hannah Arendt se fazem certas e as proposições de um caminho decolonial são estratégias para tal enfrentamento. Percebemos uma incapacidade de elaboração do pensamento crítico, sobretudo no que tange aos acontecimentos do mundo. Com isso,

há uma compactuação com o que é de mais terrível na vida pública, ou seja, a perda do senso comum (ou do mundo comum).

Diante disso, enfrentamos verdadeiramente uma grave crise, pois Santos (2010) já vinha apontando que o conhecimento do senso comum possui uma dimensão utópica e libertadora que “faz coincidir causa e intenção; subjaz-lhe uma visão de mundo assente na acção e no princípio da criatividade e da responsabilidade individuais” (SANTOS, 2010, p.89). Com isso, uma das maiores consequências da perda do senso comum são os sinais de que a individualidade anula a responsabilidade de cada um diante do mundo, isto é, com o espaço público.

A ação que buscamos neste contexto como proposição da *festaserá* a constituição de espaço multidimensional como estratégia de intervenção em espaços de atuação e práticas de ensino. Pensando o corpo destituído de ideias individualistas, mas numa rede de saberes ou numa *Ecologia de Saberes* como pautou Boaventura de Sousa Santos (2010a).

A *festa*, como acontecimento de encruzilhada, ou seja, um *entrelugar*, aciona a complexidade⁶ e a pluralidade de saberes, pautada numa perspectiva da Ecologia de Saberes que se trata de “um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemónica e pretendem contribuir para as credibilizar e fortalecer” (SANTOS, 2012a, p. 154). Assim, o pensador vislumbra a possibilidade da ecologia de saberes como uma ecologia de práticas de saberes para além dos conhecimentos científicos.

Esse encontro entre os saberes, entre a produção científica e o senso comum (ou do mundo comum) é o espaço fértil para uma atuação que valoriza a experiência. É a possibilidade de atravessar a linha abissal (SANTOS, 2010), ou mesmo transparecer o vidro embaçado (BHABHA, 2011), que, muitas vezes, imperam nas possibilidades de pensamento ocidental para compreender e existir no mundo. É uma busca da ação

⁶ Boaventura de Sousa Santos faz uma crítica severa às ciências da complexidade e às tecnociências por “permitirem prolongar a vida do capitalismo em termos que um marxismo reducionista e determinista está longe de compreender e muito menos de combater (2012a, p. 142)”. Assim, o autor complementa que enquanto as ciências da complexidade deixarem de fora as relações de exploração e de apropriação e o marxismo não incorporar os sistemas complexos este quadro não se alterará.

política no mundo numa perspectiva descolonizadora, seja nos estudos sobre o corpo e também nas práticas pedagógicas.

Amanifestação poético-político-pedagógica no espaço da escola leva em conta essa ecologia de saberes que atravessam as experiências temporárias e que vão constituindo-se ao longo dos processos de ensino e aprendizagem. A atuação como docente do ensino básico, técnico e tecnológico na Eseba/UFU, vem pleitear para estudos do corpo, especialmente na dança, um espaço de experiência, em que a perspectiva da festa vem sendo expandida no caráter processual do tempo.

A festa como possibilidade de ação evoca um manifesto incorporado dentro de uma estrutura tangenciada pela solidificação de um espaço educacional engaiolado, como dirá Rubem Alves, e na possibilidade de ser um professor de espantos, que desperta a curiosidade, ou seja, aquele que não é conteudista, mas ensina a pensar, a alegria de pensar⁷. Nesse espaço de atividade, festejo uma atuação poética, política e pedagógica, minha possibilidade de ação no mundo, minha ação e reflexão, meu acionamento da alegria de pensar, de estar de corpo inteiro.

A perspectiva da festa como ação política, por fim, é um manifesto (incorporado) poético-político-pedagógico, evidenciado por esse movimento de vai-e-vem que norteia a atuação e o ensino em dança no espaço escolar ou fora dele. Tal proposição permite esse movimento espiralar, sendo também a própria metáfora da festa: espaço multidimensional, da criação, da imaginação, da sensibilidade. Espaço em que o corpo se desprende de certas amarras e pode ser livre, seja na duração do acontecimento, seja em seus desdobramentos.

Distante de uma atividade laboral ou de trabalho mecânico, procuro evidenciar nessa curta passagem *espaçotemporal* uma ação que tenciona um espaço de liberdade, no qual a ação crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática (FREIRE, 2009, p. 22). De tal modo, a festa dos corpos, nesses espaços, pode provocar uma mudança dos olhares e das práticas para o trabalho do corpo, da relação com os espaços da escola e as fissuras das práticas pedagógicas enrijecidas, encontrado diálogo na prática e no exercício da ação e ao encontro de pedagogias decoloniais como

⁷ Entrevista com Rubem Alves – A Escola Ideal - o papel do professor. Disponível em: goo.gl/FwxQVW. Acesso em 10 jul. 2017.

em Walsh (2013), resvalando também na valorização do patrono da educação brasileira, Paulo Freire, frente à vasta referencia que nos deixou em suas obras.

Apresentados os meandros teóricos que subsidiam um caminho e um modo de pensar que vem constituindo um artista-docente, as ações decoloniais vem sendo pensadas e repensadas num constante tatear. Há um processo de entender como o corpo vem sendo pensado nos espaços de atuação escolar - especialmente na Eseba/UFU –, quem são os sujeitos que ali estão, como poderemos mediar a construção de conhecimento para provocar experiências sensíveis nesse espaço de Educação Básica (Educação Infantil, Educação Fundamental e Educação de Jovens e Adultos). Desse modo, há uma construção coletiva, baseadas na experiência desse artista-docente, entremeada por uma dimensão da festa cunhada nos movimentos das manifestações populares brasileiras e a reverberação disso nos espaços de educação. A *festa* é sempre um processo, como um rio que segue num fluxo incerto, mas que, certamente desaguará num lugar. Esse lugar, nunca será um lugar de controle, mas de abertura, no aperfeiçoamento da autonomia dos sujeitos envolvidos nos processos, nas relações individuais e coletivas e, assim, aponto para um entendimento da educação como um processo de criação e na significativa intervenção de um docente que também é artista e que conjuga tais lugares de atuação continuamente.



Imagem 15: Corpo-Festa: proposta pedagógica de exploração do corpo através do papel de seda
Foto: Daniel Santos Costa

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de José Roberto Raposo. 12^a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.
- ARENDDT, Hannah. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Tradução César Augusto R. de Almeida, Antônio Abranches e Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BHABHA, Homi. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- CASTRO JUNIOR, Luís Victor. **Festa e corpo: as expressões artísticas nas festas populares baianas**. Salvador: EDUFBA, 2014.
- COSTA, Daniel S. **Encruzilhadas de uma dança-teatro brasileira: f(r)icçãoarte-vida em processo de criação**. Curitiba: Primas, 2016.
- _____. **Histórias e Memórias de Folias de Reis**. Ituiutaba: Egil, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa** 39^a ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro/São Paulo, 2009.
- FOUCAULT, M. **Os corpos dóceis**. In: *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29^a ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinares**. 2^a ed. São Paulo, Annablume, 2005.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6^a ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidade, lógica de lacolonialidad, gramática de ladescolonialidad.** Buenos Aires – Argentina: Edicionesdel Signo, 2010.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência.** Tradução de Maria Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PESSOA, Jadir de M. **Saberes em Festa: gestos de aprender e ensinar na cultura popular.** Goiânia: UCG: Kelps, 2009.

RIBEIRO JUNIOR, Jorge C. N. **A festa do povo: pedagogia de resistência.** Petrópolis: Vozes, 1982.

SANTOS, Boaventura de S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria P. (Orgs). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nãgô e a Morte.** Petrópolis, Vozes, 2008.

SANTOS, Rodrigo dos. Notas a respeito do simbolismo de Exu na produção de uma filosofia do trágico no Brasil. **Revista Cult**, nº 204, Ano 18, agosto 2015.

SANTOS, Rodrigo dos. **Barapespectivismo contra o logocentrismo ou o trágico no prelúdio de uma filosofia da diáspora africana.** 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2014.

WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir.** Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

Recebido em agosto de 2018.

Aprovado em outubro de 2018.

Publicado em dezembro de 2018.